

# 1969 a 1970

## Janelas do Tempo

Orgs.

Álvaro Nunes Larangeira  
Christina Ferraz Musse  
Cláudia de Albuquerque Thomé  
Denise Tavares  
Juremir Machado da Silva  
Renata Rezende Ribeiro





**SELO PESQUISA EM  
COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE**

*Conselho Editorial*

Christina Ferraz Musse (UFJF)  
Claudia de Albuquerque Thomé (UFJF)  
Paulo Roberto Figueira Leal (UFJF)  
Wedencley Alves Santana (UFJF)  
Maria Immacolata Vassalo de Lopes (USP)  
Mirian Nogueira Tavares (Universidade do Algarve)  
Sallie Hughes (Universidade de Miami)

*Comissão Editorial*

Gabriela Borges Martins Caravela  
Sonia Virgínia Moreira  
Iluska Maria da Silva Coutinho

**Programa de Pós-Graduação em Comunicação  
Faculdade de Comunicação**

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Campus Universitário, Bairro São Pedro  
CEP 36.036-330 – Juiz de Fora – Minas Gerais  
**[www.ufjf.br/ppgcom](http://www.ufjf.br/ppgcom)**

Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG  
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ

Copyright © Autores, 2020  
Copyright © Editora UFJF, 2020  
Copyright © Editora Meridional, 2020

*Projeto gráfico e capa*

Carlos Eduardo Nunes e Eutália Ramos

*Editoração*

Estela Loth Costa, Eutália Ramos e Niura Fernanda Souza

*Revisão*

Caroline Mello, Gustavo Teixeira de Faria Pereira e Julia Fagioli

*Assistente editorial*

Talita Magnolo

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

M637

1969-1970: janelas do tempo [livro digital] / organizado por Álvaro Nunes Laranjeira...[et al].  
-- Porto Alegre: Sulina; Juiz de Fora: UFJF, 2020.  
441 p.; E-book.

ISBN: 978-65-5759-023-1

1. Sociologia da Comunicação. 2. Jornalismo. 3. História do Brasil. 4. Comunicação. I. Laranjeira, Álvaro Nunes.

CDU: 070  
316  
981  
CDD: 301



*Editora Sulina*

**EDITORA SULINA**

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana  
Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS  
Fone: (0xx51) 3110.9801  
www.editorasulina.com.br  
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

**EDITORA UFJF**

*Diretor da Editora UFJF*  
Jorge Carlos Felz Ferreira

*Conselho Editorial*

Jorge Carlos Felz Ferreira (Presidente)  
Charlene Martins Miotti  
Elson Magalhães Toledo  
Emerson José Sena da Silveira  
Jair Adriano Kopke de Aguiar  
Maria Lúcia Duriguetto  
Rafael Alves Bonfim de Queiroz  
Rodrigo Alves Dias  
Taís de Souza Barbosa

**Editora UFJF**

Rua Benjamin Constant, 790 – Centro  
Juiz de Fora – MG – Cep 36015-400  
Fone/Fax: (32) 3229-7646 / (32) 3229-7645  
editora@ufjf.edu.br  
**[www.ufjf.br/editora](http://www.ufjf.br/editora)**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

*Reitor*  
Marcus Vinicius David  
*Vice-Reitora*  
Girlene Alves da Silva

A Dom Pedro Casaldáliga, que nos deixou  
em 2020, por sua travessia de resistência e  
esperança que tanto nos inspira.

A todos os que fizeram dos anos sessenta  
uma época de sonhos e de mudanças  
comportamentais.

## **Agradecimentos**

Aos alunos, colegas e técnicos dos PPGs Comunicação (UFJF), Comunicação e Linguagens (UTP), Comunicação Social (PUCRS) e Mídia e Cotidiano (UFF), que iluminam e partilham essa difícil (mas estimulante) vida de pesquisa em Comunicação Social, tão necessária e urgente neste país atravessado por uma história de luta contra a violência, a opressão e o esquecimento.

# SUMÁRIO

**9 Prefácio a um imaginário brasileiro**

Michel Maffesoli

**15 Apresentação**

Christina Ferraz Musse

**PARTE I:  
IMAGINÁRIO**

**19 Sequestro do embaixador dos EUA e AI-14: um olhar sobre o imaginário nos discursos de *Folha de S. Paulo* e *O Globo***

Fernanda Cristine Vasconcellos, Luana Chinazzo Müller e Mauren de Souza Xavier dos Santos

**40 O cientista e o intelectual: a vocação das Humanidades**

Juremir Machado da Silva

**50 Richard Nixon e Donald Trump: 50 anos de um imaginário contra a mídia**

Larissa Fraga

**73 Da rede bélica à rede de emoções: um ensaio sobre o imaginário das conexões na Internet**

Renata Rezende Ribeiro

**87 1969/1970: imaginário e lembranças**

Ricardo Uhry

**107 Alfa Centauro 50 anos: o imaginário da época cantado por Serguei**

Tarcis Prado Júnior

## **PARTE 2: JORNALISMO**

- 122 **No mundo da Lua: a ascensão do obscurantismo no cotidiano**  
Alexandre Freitas Campos e Luciana Aparecida Carlos Ribeiro
- 142 **Quem tirou o sono da ditadura militar no primeiro ano do AI-5?**  
Álvaro Nunes Laranjeira
- 158 **O teatro pela ótica da revista *Realidade* em 1969**  
Ana Paula Dessupoio Chaves
- 176 **Estratégias narrativas de uma morte premeditada: o assassinato de Marighella nas páginas dos jornais em 1969**  
Cláudia de Albuquerque Thomé e Marco Aurélio Reis
- 190 **Da Alunissagem ao Terraplanismo: meio século de patologias imaginárias?**  
Manuel Petrik e Suelen Gotardo
- 211 **Luiz Beltrão: meio século de *A imprensa informativa***  
Otávio Daros
- 227 **O Festival de Música Popular Brasileira de 1969 nas páginas da revista *Intervalo***  
Talita Souza Magnolo

## **PARTE 3: AUDIOVISUAL E MEMÓRIA**

- 249 **Woodstock: um grito de paz**  
Bruna Santos de Souza
- 267 **Na tela da TV, meio século de história: os “Brasis” do *Jornal Nacional***  
Christina Ferraz Musse e Theresa Medeiros
- 286 **Jovem, é urgente falar sobre sexo (ou, sobre ousadias de um programa da TV Cultura ao imaginário conservador)**  
Denise Tavares

- 306 **Discurso, simulacro e verdade: uma análise sobre as práxis das relações de poder em 1969 e os reflexos disso no programa de atração *Quem tem medo da verdade?***  
Jeaniel Carlos Magno
- 331 **Memórias do ano seguinte: o cotidiano de 1969 a partir da série *Mad Men***  
Max Milliano Melo e Daniel Scarcello
- 349 **Programa *Vila Sésamo* e a influência de Paulo Freire**  
Patrícia Beraldo e Andréa Barbieri
- 363 **Uma “Nova TV” para quem?: as interferências do governo militar na cabodifusão brasileira durante a ditadura**  
Pedro Augusto Silva Miranda e Matheus Canil de Souza
- 385 **A ritualística da Censura: análise do processo de interdição do filme *Ritual dos sádicos* de José Mojica Marins**  
Ramsés Albertoni Barbosa
- 410 **Meio século de invisibilidade: por que demorou décadas para ter âncoras negros no *Jornal Nacional*?**  
Wagner Machado da Silva
- 432 **Autores**



# PREFÁCIO

## Prefácio a um imaginário brasileiro

Michel Maffesoli

Professor Emérito da Sorbonne

Estar interessado na atmosfera de uma época, essa outra maneira de declinar o seu imaginário e o seu “impulso vital”, não pode ser mais prospectivo! Os colegas brasileiros que trabalharam nas páginas seguintes prestam muita atenção ao fato de que a vida social não pode ser reduzida a uma dimensão puramente quantitativa ou econômica. Além ou abaixo do princípio da realidade, existe um grande real do irreal. Real no qual mitos, devaneios, fantasias e fantasmagorias desempenham um papel primordial. Posso subscrever as análises a seguir acrescentando algumas reflexões epistemológicas para enfatizar a força do imaginário?

O retorno do imaginário, o desvio através do imaginário, é exatamente o que torna possível pensar o estar-junto original. Além de um pensamento puramente calculista, obcecado pelo quantitativo, esse desvio dá um novo significado à energia do pensamento meditativo, atento à qualidade, que é da ordem da gratuidade. Para colocar em uma fórmula concisa, passamos do econômico para o *iconômico*. A rebelião de imagens usando o desenvolvimento tecnológico é a expressão disso.

Rebelião nada fácil. Porque, se não é possível citar todos os exemplos que pontuaram a filosofia modernista, deve-se lembrar que depois de Malebranche, a imaginação era, de maneira tenaz, considerada a “louca da casa”. Ou seja, o que não permitia que o cérebro funcionasse corretamente. Assim, criticando Montaigne, Malebranche sublinhou a “vivacidade sempre vitoriosa de sua imaginação dominante”. E é a partir desse estigma que um pensamento calculista foi desenvolvido, do qual o conformismo do pensamento contemporâneo é o avatar definitivo.

O ressurgimento do pensamento meditativo, de essência imaginária, é o que permite compreender como o “grão germina e a espiga amadurece”. Germinação de imagens que constituem a memória coletiva como fundamento de toda a vida social. Em suma, a memória, o dever da memória como substrato de toda a sociedade. É o que Heidegger, em seu comentário sobre os hinos de Hölderlin, chama de “tom fundamental” ou mesmo “determinação tonal” (*Bestimmung*). Esse tom (*Stimmung*) é, para simplificar, o clima em que nos banhamos. Um clima que nos determina e nos torna o que somos.

Banalidade para dizer e criticar. Em seu sentido estrito, o clima nos determina, ou seja, nos dá essa postura corporal, nos torna volúveis ou silenciosos, nos faz suportar ou temer tal temperatura ou outra coisa. Portanto, é o clima em que se é banhado que determina o modo de agir, bastante específico, de um brasileiro ou finlandês.

E se dá o mesmo com esse clima espiritual que é o imaginário. Determina o humor social, ou seja, os modos e modalidades de comportamento. Ou, em outras palavras, nosso ser individual e coletivo no mundo. Este ser comum que é, no sentido forte do termo, o corpo social. Não é mais uma simples metáfora sem consistência, mas uma alegoria restaurando toda a sua importância para o corpo, os sentidos, os sensíveis... De fato, por mais paradoxal que pareça, o imaginário se refere a um pensamento da encarnação. Além do princípio do corte, familiar ao modernismo, ele enfatiza todo o ser. Corpo e mente unidos em fertilidade contínua. A força invisível do imaginário, tornando

visível a dinâmica da mente, o poder do imaterial, a importância da cultura como fundamento de toda a civilização.

Em contraste com um imperativo econômico dominado pelo utilitarismo, o “iconômico”, a lei da imagem, enfatiza a integridade do ser. Eu chamei isso de corporalismo místico ou materialismo espiritual. Oximoro prestando atenção ao fato de que não é simplesmente ideologia, ou “ideosofia”, isto é, a hegemonia da abstração teórica que governa o mundo, mas uma atitude muito mais holística (intelecto e senso) que nos traz ressonância com ele.

Mais uma vez, o imaginário nada mais é do que uma atmosfera mental, o que Ortega y Gasset chamou, apropriadamente, de “imperativo atmosférico”. Bela imagem traduzindo o deslizamento do progressismo, ao mesmo tempo estúpido e devastador, racionalização do pensamento conforme, para uma maneira de ser muito mais hedonista, onde a relação com os outros e com a natureza não é uma simples consequência de um contratualismo abstrato, mas um ajuste mais profundo, uma conformidade com o que é.

O imaginário expressa assim a transição do contrato social moderno para o pacto social pós-moderno. Este é o momento em que a razão se torna sensível. Este é o momento para um humanismo integral. E, de repente, esse é o momento em que o tormento de algumas falácias peculiares às mentes estreitas e sérias não é mais aceito. Abandona-se a esterilidade de um pseudo intelectualismo bem-intencionado que vai morrer a sua bela morte. E mesmo que essa agonia seja longa, muito longa, só se pode estar atento ao renascimento, muito mais animado, de um dinamismo espiritual. Essa é a força invisível do imaginário.

Parte dinâmica de um tipo de continuidade que permanece fiel a um magistério e tradição. Onde, para parafrasear Heidegger, as modalidades de estar aí estão enraizadas no futuro. Daí o dever de memória assumido pela imaginação social. Dever permitindo, de certa forma, não morrer completamente. A morte não envolve completamente aqueles que revivem mitos e símbolos vindos de longe.

É essa memória que constitui um pensamento corporificado. Pensamento que, em contraste com a paranoia progressista, expressa a sabedoria “progressiva” capaz de se curvar à ordem e à beleza do mundo. Não para dominá-lo, mas para concordar com ele, para se ajustar à harmonia que lhe é própria. Entrar em ressonância com ele e, assim, participar da melodia própria da natureza humana. A cultura e a natureza estão intrinsecamente ligadas. A beleza de dizer interage com a do meio ambiente. Essa é a característica do pensamento corporificado, que, enraizado em arquétipos imemoriais, sabe expressar o imaginário contemporâneo.

A *opus magnum* de Gilbert Durand bem mostra isso, o imaginário existe na longa duração. Ele não está obcecado com o acontecimento, mas apenas com a anunciação. É nesse sentido que é metapolítico. É um tema que enraíza o presente no passado que, sem ferir ou chocar, garante o futuro. Ao deixar de lado a metáfora, podemos dizer que quem está atento ao imaginário antropológico é, simplesmente, um inseminador do invisível que faz o mel com todas as flores legadas pela tradição. É esse enraizamento que faz desta “Grande Obra” uma busca, sempre em construção, da “pedra filosofal”.

Assim, a sabedoria popular, que pertence a todos, foi desenvolvida a partir do “discernimento” (*discretio*) da experiência coletiva e depois foi transmitida através da iniciação àqueles que conheciam e podiam triunfar sobre as rigorosas provações específicas desse processo. É nesse sentido que o imaginário, em sua constante busca por arquétipos, está enraizado no hermetismo. E para fazer isso, usa as imagens. Ou, para usar um termo sugestivo, ele usa, em sua abordagem inicial, emblemas, ícones.

É isso que o torna um pensamento corporificado capaz de dizer a beleza da encarnação, o que Maurice Merleau-Ponty estimulava: “pense na carne do mundo”. Pensar “na invaginação onde o significado se une”. É esse pensamento que é o coração pulsante do processo imaginário. Um processo capaz de celebrar a harmonia deste mundo e, portanto, do nosso “Ser”. No século XIII, um grande século fundador, se é que houve algum, Tomás de Aquino falou do *habitus* como um

meio de entender os “primeiros princípios práticos”. Ou seja, pelo que poderíamos entender os fundamentos de todo ser-juntos ou do bem comum.

Debatendo com ele, mas com sua própria sensibilidade, Boaventura fala, entretanto, de “exemplarismo”. Arquétipos são os modelos exemplares de coisas sensíveis. Hoje em dia, eles parecem figuras emblemáticas, colocadas em perspectiva holística, o todo onde o espírito e os sentidos são fertilizados, mutuamente, até o infinito.

O exemplarismo, como elo entre o físico e o metafísico, está, por exemplo, nos presépios que representam o mistério da encarnação divina. Ou os “caminhos da cruz”, como o do Santuário do Bom Jesus em Congonhas, ilustrando de maneira impressionante a paixão de Cristo. Uma verdadeira palavra de silêncio, o exemplarismo ilustra visualmente o que a palavra só pode traduzir imperfeitamente. Entender-se-á que o exemplarismo é, assim, uma maneira de orquestrar o inexprimível!

Ao encenar figuras arquetípicas, esse exemplarismo destaca a força invisível do imaginário. Em contraste com o progressivismo e seu racionalismo um tanto arrogante, a filosofia progressista, peculiar ao imaginário, vem de um tempo secularmente idêntico a si mesmo, o de um passado imemorial que consolida os fundamentos de todos estarmos juntos, o de um bem comum desenvolvido a partir de tradições e costumes ancestrais. É isso que nos leva a dizer que um dos constantes perigos do bom pensamento politicamente correto é perder o contato com o Real.

O processo imaginário, por outro lado, reduz consideravelmente esse perigo. Simplesmente porque “sabe”, conhecimento incorporado, distinguir entre o essencial e o efêmero, consistindo, simplesmente, em mostrar a resistência desses arquétipos que o progressismo ingênuo pensava superar. Embora se soubesse de onde isso vem, ou seja, da filosofia hegeliana, o pensamento conforme tem esse “ir além” (*Aufhebung*) no sangue. Secularizou a tradição cristã: vencer o pecado. Daí a busca pela perfeição: superar o mal, a disfunção. Exceder a finitude em geral. O pensamento real, enraizado neste real que é o cotidiano,

que se apoia no imaginário arquetípico, é sempre e novamente a palavra emergente. Surge naquilo que atualiza, torna real, substancial. É o surgimento do que é. Pensamento e poesia como expressão em *statu nascendi*, no estado nascente, o que é eterno.

É nesse sentido que o invisível, que o imaginário explica, é um Real tão forte quanto a simples realidade visível. Linguagem, a palavra se tornando uma palavra fundadora sendo, portanto, o que dá forma ao invisível. A forma se tornando forma de vida na sociedade. O pensamento corporificado. O pensamento que sabe dizer a “carne do mundo” (Merleau-Ponty). Ou o Verbo *caro factum* é: “O verbo se faz carne”, da tradição evangélica (Jo, I, 14). É para traduzir o poder dessa encarnação que podemos falar do imaginário como a força invisível do real. Este livro dos colegas brasileiros nos remete a essas considerações e outras.

# APRESENTAÇÃO

Christina Ferraz Musse

Existe algo mais do que a nostalgia para justificar o que move trinta e um autores a escrever vinte e dois artigos que têm em comum a análise dos anos de 1969. Terá sido um ano emblemático, ao ponto de provocar rupturas e mudar o rumo da história? Um ano a ser lembrado por legados inquestionáveis? Arrisco-me a dizer que sim. Sob o ponto de vista jornalístico, o ano de 1969 reúne os ingredientes que justificam qualquer manchete de primeira página, ao vivo na TV ou *live* nas redes sociais. É o fim de uma década, os anos 60, que abalaram os modelos de comportamento, e inseriram novas questões na agenda pública: a partir de então, o gênero provocou mais debate do que a luta de classes, e o pessoal virou político.

É esta percepção do tempo, que move os autores deste livro. Eles querem interpretar o que significou aquele ano, a partir de olhares curiosos, investigativos e críticos. A distância pode ajudar: já se vai mais de meio século, mas as imagens de 1969 foram incorporadas ao cotidiano e a todo o momento nos fazem lembrar: o homem na Lua, Woodstock, a rebelião de Stonewall, o assassinato de Marighella, a televisão, a ditadura. Ingredientes que justificam este projeto e se integram aos propósitos da Rede de Pesquisa Jornalismo, Imaginário e Memória, JIM.

Cinco grupos de pesquisa estão representados neste livro: JOR XXI, da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP); Tecnologias do Imaginário, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Comunicação, Cidade e Memória – Comcime –, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Narrativas Midiáticas e Dialogias – Namídia –, também da UFJF; e Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia – Multis –, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Do núcleo inicial, formado em 2018, a Rede JIM ganhou novas adesões, realizou quatro seminários nacionais, e publicou o livro *1968: de maio a dezembro: Jornalismo, Imaginário e Memória*. O trabalho coletivo e interdisciplinar é a razão de ser da rede, que se vê como lugar de diálogo, troca de ideias e construção de reflexões que colaborem para decifrar a complexa contemporaneidade. Os artigos que compõem este livro foram apresentados inicialmente no seminário, realizado em outubro de 2019, na UFF, em Niterói, Rio de Janeiro.

Para esta publicação, contou-se com a inigualável colaboração do professor emérito da Sorbonne, Michel Maffesoli, que assina o Prefácio, em que tece reflexões sobre o imaginário contemporâneo, “a transição do contrato social moderno para o pacto social pós-moderno [...] o momento em que a razão se torna sensível”. O autor vai mais além: ensaia o que constituiria o imaginário brasileiro, esta maneira peculiar de perceber e interpretar o mundo ao redor. E é esta a tarefa à que se lançam os autores deste livro. Eles rememoram o país e o mundo de cinco décadas atrás, a partir do imaginário constituído pela ruptura dos anos sessenta, pela ascensão definitiva da tecnologia, do capitalismo pós-industrial, da mídia, do sujeito e da emoção. Revisitar o passado com a capacidade que só o presente propicia. Fazer memória, sabendo que lembrar é narrar: este me parece o grande trunfo do livro.

Em *1969 a 1970: janelas do tempo*, os autores se dispõem a contar histórias, a partir de uma abordagem científica, isto é, há um pacto com a averiguação das informações, checagem de dados, um compromisso com a verdade. Não se trata de ficção. Mas há também o envolvimento com as investigações, que se fundam em uma opção teórica,



que não é servil apenas aos senhores da razão, mas que reverencia o encantamento ancestral da narrativa, as muitas dobras da história, os labirintos da memória e a potência do imaginário como força revolucionária e fundadora. A leitura convocada pelos autores é, enfim, este convite à partilha de fragmentos do mundo, que falam por si, mas especialmente falam através de nós.